

ARTIGO

*O passado como distração*  
MODOS DE VESTIR A  
HISTÓRIA NO  
NEOPOPULISMO  
BRASILEIRO

MATEUS HENRIQUE DE FARIA PEREIRA

Universidade Federal de Ouro Preto  
Ouro Preto | Minas Gerais | Brasil  
mateus.pereira@ufop.edu.br  
orcid.org/0000-0001-7489-7365

VALDEI ARAUJO

Universidade Federal de Ouro Preto  
Ouro Preto | Minas Gerais | Brasil  
valdei354@gmail.com  
orcid.org/0000-0001-8913-2509

Neste artigo, analisamos como o movimento populismo bolsonarista engaja a história de uma forma que ativa a sua base política heterogênea. Esses engajamentos parecem ser diferentes de alguns aspectos das cronofias modernas, como no abandono da sincronização e da apresentação coerente de uma história nacional. Não afirmamos a inexistência de coerência no bolsonarismo em geral, ou em seu discurso político, mas na inexistência de uma coerência de tipo moderno em suas historicidades. Assim, defendemos que historicidade da nova extrema direita brasileira se baseia mais no apego afetivo, em uma performance histórica pragmática e altamente fragmentada que, como defendemos, mais se assemelha a uma historicidade atualista. Para demonstrar a afinidade que vemos entre essa historicidade atualista e o bolsonarismo, este artigo está dividido em três partes. Primeiro, apresentamos o conceito e a teoria do *atualismo*. Em seguida, caracterizamos as dimensões neopopulistas do bolsonarismo, ou seja, o movimento cultural e político representado por Jair Bolsonaro. Por fim, analisamos o novo populismo brasileiro em seus engajamentos com a história, especialmente os engajamentos com a história de três secretários de cultura do governo Bolsonaro e de como a desfactualização da realidade ganha força, criando as condições de possibilidade de o passado ser como um grande guarda-roupa cheio de imagens e modelos *prêt-à-porter*.

*Atualismo; Neopopulismo brasileiro; Bolsonarismo; Bolsonaro.*

ARTICLE

*The past as a distraction*  
WAYS OF DRESSING  
HISTORY IN BRAZILIAN  
NEO-POPULISM

MATEUS HENRIQUE DE FARIA PEREIRA

Universidade Federal de Ouro Preto  
Ouro Preto | Minas Gerais | Brasil  
mateus.pereira@ufop.edu.br  
orcid.org/0000-0001-7489-7365

VALDEI ARAUJO

Universidade Federal de Ouro Preto  
Ouro Preto | Minas Gerais | Brasil  
valdei354@gmail.com

In this article, we analyze how the Bolsonarista populism movement engages history in a way that activates its heterogeneous political base. These engagements appear to be different from some aspects of modern chronosphies, such as the abandonment of synchronization and the coherent presentation of a national history. We do not affirm the lack of coherence in Bolsonarism in general, or in its political discourse, but the lack of a modern type of coherence in its historicities. Thus, we argue that the historicity of the new Brazilian extreme right is based more on affective attachment, on a pragmatic and highly fragmented historical performance that, as we argue, is more similar to an actualist historicity. To demonstrate the affinity that we see between this actualist historicity and Bolsonarism, this article is divided into three parts. First, we present the concept and theory of actualism. Next, we characterize the neo-populist dimensions of Bolsonarism, that is, the cultural and political movement represented by Jair Bolsonaro. Finally, we analyze the new Brazilian populism in its engagements with history, especially the engagements with the history of three secretaries of culture in the Bolsonaro government and how the defactualization of reality gains strength, creating the conditions of possibility for the past to be like a large wardrobe full of pictures and ready-to-wear models.

*Actualism; Brazilian neo-populism; Bolsonarism; Bolsonaro.*

*Apoio: FAPEMIG, CNPq, CAPES, UFOP e INCT-PROPRIETAS. Agradecemos a Berber Bevernage, Eline Mestdagh, Walderez Ramalho, Marie-Gabrielle Verbergt pela leitura, diálogo, críticas e sugestões.*

A Revolução Francesa se via como uma Roma ressurreta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro para o atual, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Somente, ele se dá numa arena comandada pela classe dominante.

Walter Benjamin, *Teses sobre o conceito de história* (1940)

No presente a mente, o corpo é diferente  
E o passado é uma roupa que não nos serve mais.

Belchior, *Velha Roupa Colorida* (1976)



Figura 1: *Bolsonaro Medieval*  
Fonte: *Google imagens*

Acima vemos uma imagem do presidente brasileiro de extrema-direita Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) retratado como um soldado das Cruzadas. Como interpretar os engajamentos com a história encarnados por imagens como esta? É um uso tradicional do passado para um projeto ideológico coerente? Ou é outra coisa? Acreditamos que essa imagem, e mais amplamente os compromissos bolsonaristas com a história, revelam certas dimensões da historicidade contemporânea, isto é, sobre os modos de articulação do passado, presente e futuro. Neste ensaio analisamos como o movimento populista encarnado por Bolsonaro se engaja com a história de uma forma que ativa sua base político-social heterogênea.

Esses engajamentos parecem ser diferentes de alguns aspectos das cronofias modernas, como o abandono da sincronização e a apresentação coerente de uma história nacional. Em vez disso, a nova historicidade populista da extrema direita brasileira se baseia mais no apego afetivo, uma performance histórica pragmática e altamente fragmentada que, como defendemos, mais se assemelha a uma historicidade atualista. Denominamos *atualismo* essa historicidade em que um presente vazio e autocentrado relaciona-se vaga e

pragmaticamente com o passado, enquanto o futuro é desejado como reserva para a expansão linear deste presente em constante atualização repetidora.

Para demonstrar a afinidade que vemos entre essa historicidade atualista e a versão específica bolsonarista do neopopulismo, o artigo está dividido em três partes. Primeiro, apresentamos o conceito e a teoria do *atualismo*. Em seguida, caracterizamos as dimensões neopopulistas do bolsonarismo, ou seja, o movimento cultural e político representado por Jair Bolsonaro. Depois, analisamos o novo populismo brasileiro em seus engajamentos com a história, especialmente as performances com a história de três secretários de cultura do governo Bolsonaro. Demonstraremos como a desfactualização da realidade ganha força nesses engajamentos, criando as condições de possibilidade do passado se apresentar como um guarda-roupa cheio de imagens e modelos *prêt-à-porter*.

Compreendendo melhor as especificidades do que definimos como sendo a experiência atualista, podemos, portanto, conhecer algumas das estruturas fundamentais do populismo bolsonarista, como a natureza de suas conexões com o tempo histórico e a dissolução e/ou desarticulação de alguns aspectos da experiência moderna da história.

## O ATUALISMO COMO PARTE DA HISTORICIDADE CONTEMPORÂNEA

Nos termos desenvolvidos no livro *Atualismo 1.0* (Araujo e Pereira, 2019), *atualismo* é uma categoria que busca compreender alguns aspectos da historicidade contemporânea. A categoria parte do nosso descontentamento com as teorias sobre o presentismo, a partir de uma interpretação de *Ser e Tempo* (Martin Heidegger) e a partir de uma descoberta empírica: em várias línguas ocidentais, palavras com significados próximos de “atualização” (*aggiornamento*, *actualización*, por exemplo) ganharam destaque a partir de meados da década de 1960, com o significado de melhoria de algo por meio de sua adaptação ao presente, isto é, através de versões mais recentes.<sup>1</sup>

Na base de dados Google Ngram descobrimos que os campos semânticos em torno da palavra “atualização” vêm crescendo continuamente desde o final da década de 1960, com uma perda proporcional de energia em palavras como “progresso” e “modernização” (Araujo e Pereira 2020, 10-17). Para entender o que essa mudança de vocabulário significa para a experiência do tempo no mundo contemporâneo, acreditamos que a descrição heideggeriana da temporalidade da “abertura” [*Erschlossenheit*] desenvolvida em *Ser e tempo* fornece elementos cruciais.

Grande parte da literatura sobre historicidade tem tratado o presente como uma realidade singular e auto-evidente. Veremos que podemos abordá-lo de outra forma, revelando suas diversas possibilidades de compreensão nos processos de temporalização. Heidegger (2010) chama a forma específica do presente que se temporaliza na compreensão imprópria como o *gegenwärtigen* no sentido de atualização. O fazer presente ou atualizar seria a resposta à

<sup>1</sup> O rápido crescimento do uso de “atualização” está naturalmente associado ao surgimento da era digital. Muitos autores destacaram os efeitos temporais dessa nova situação, segundo Berry: “Isso leva a um foco em um ‘agora’ radical, na medida em que a coleta e o processamento em massa de dados criam uma mudança do pensamento histórico para uma fetichização do presente” (Berry 2014, 14-15).

experiência do tempo como uma sucessão vazia de agoras, a maneira pela qual o Dasein pretende manter diante de si essa sucessão. O mundo, então, pode estar presente porque se atualiza automaticamente, como se fosse da natureza das coisas essa manutenção quase mágica de sua própria presença. A essa espera que se faz presente ou que se atualiza continuamente [*gegenwärtigen des gewärtigen*] corresponderia naturalmente certos passados. Heidegger chama esta última de “recordação” [*Erinnerung*], descrita como parte constituinte da espera que se “torna presente”.<sup>2</sup>

É claro que, para Heidegger, o Dasein não é desprovido de futuro e passado no modo da Decadência, mas o contínuo fazer presente ou atualização do presente atual, o que gostaríamos de chamar de *atualismo*, impede o Dasein de “voltar a si” (1996, 319). Cheio de novidades que criam a sensação de uma aceleração crescente, mas incapazes de transformar ou abrir a realidade para possibilidades de diferença, ao cair como presa das *news*, o Dasein é sempre novo, atualizado com uma realidade em constante emergência. Uma realidade vivida como desconexão, distração e dispersão. Ou seja, uma história agitada e sem rumo. Por isso, a atualização automática que parece simplesmente surgir em nossos celulares e computadores torna-se uma metáfora irresistível e uma estrutura arquetípica das temporalizações atualistas.

As sociedades tipicamente historicistas do século XIX também se moviam em grande parte pelo cotidiano atualizante, mas algo impedia que essa dimensão dominasse a autorrepresentação social. Da mesma forma, não podemos afirmar que hoje temos maior oportunidade de distração, mas a distração parece ter se tornado a maior demanda social. Como se a vida fosse um interminável programa de variedades ou um *reality show*, “mesmo que se tenha visto de tudo, a curiosidade inventa coisas novas” (1996, 319).

A pressão para estar *atualizado*, ser contemporâneo de seu próprio tempo, não é estranha à modernidade historicista. Desde o século XIX essa pressão foi temperada por noções de história compartilhadas coletivamente que pareciam fazer sentido e estabilizaram a pressão para mudar. Instituições e novas profissões surgiram para orientar os cidadãos em sua tarefa de estar *no seu próprio tempo*, que era a nação, o moderno, o civilizado. À medida que essas diretrizes mediadoras enfraquecem, a pressão para estar *no nosso tempo* acelera a ponto de se tornar paradoxal.

A emergência da palavra atualização como conceito de relevância sociopolítica pode ser tomada como um fenômeno revelador de novas formas de temporalização no mundo atual, especialmente como a aceleração temporal pode ser desvinculada da decisão, da utopia, da modernização e de uma noção totalizante de progresso.

A experiência atualista está incorporada no cotidiano na estratégia das grandes empresas do capitalismo de vigilância em oferecer produtos e serviços em constantes atualizações (Zuboff 2019). Em nosso tempo, porém, não são apenas objetos e programas que “precisam” ser atualizados, o ser humano também vive constantemente sob a pressão do medo e do desejo de

---

<sup>2</sup> O sentido temporal de *Gegenwärtigen* segundo Heidegger engloba precisamente o tipo de experiência temporal subjacente à ideia de atualização, ou seja, a experiência de um presente que se atualiza automaticamente. Portanto, manteremos a expressão “tornar presente” que Joan Stambaugh emprega em sua tradução de *Ser e Tempo*: “Em contraste com o Momento como presente autêntico, chamaremos o presente inautêntico ‘tornar presente’ [*Gegenwärtigen*]” (Heidegger 2010, 323ss).

atualização. Os sujeitos se percebem e são percebidos pelos outros como mais ou menos atualizados ou obsoletos em relação à forma como lidam com a pressão desse movimento de repetição sem a percepção de uma real transformação estrutural e positiva.

As transformações do mundo técnico alteraram a nossa relação com o futuro, porque esse gradualmente deixou de ser o lugar da transformação e da esperança para se tornar uma cópia atualizada do presente e, por isso, o futuro é, em tese, melhor do que o presente, mas não diferente dele. Enquanto as teorias do presentismo (Hartog, Gumbrecht, Assmann, Lübbe, Rosa e outros) insistem na predominância de expectativas catastróficas em relação ao futuro, a historicidade atualista assume o futuro como uma expansão linear do presente. Dito de outra forma, o futuro atualizado é o presente 2.0.

Se, por um lado, certos aspectos da historicidade atualista parecem se assemelhar a uma radicalização das tendências modernas, enquadrando-se na perspectiva de uma hiperaceleração (Cf., entre outros, Turin 2019), por outro, o questionamento, a desregulamentação e a perda de autonomia de subsistemas, como a religião, a política e a mídia, revelam um lado do presente que parece dissolver estruturas fundamentais da modernidade, deixando em seu lugar um vazio continuamente ativado por uma agitação sem direção, mais do que apenas diferentes acelerações.

Um dos efeitos do tempo que consideramos atualista é a crença de que estar atualizado com as últimas notícias é o mesmo que estar certo. A expansão dos canais de notícias 24 horas, novas plataformas e redes digitais são alimentadas por esse impulso de atualização. Nesse ambiente, *fake news*, informações erradas e desinformação produzidas, disseminadas e impulsionadas em escala industrial tendem a desempenhar um papel decisivo em nossas vidas. Ao invés de checar as fontes, procurando suas origens e consequências, toda nossa energia é captada pelo fluxo contínuo de notícias e seus comentaristas (Morgan e Clulow 2010, 258-9; Briiggle 2010, 170; Lee 2014, 107; Araujo e Pereira 2022).

Frédéric Clavert (2018, 186) afirma que o tempo de atualização se confunde com o chamado “tempo real” das redes sociais e, nesse sentido, “essa experiência do tempo não é mais centralizada no quadro de um contexto midiático marcado pela televisão e rádio, mas distribuído, o que tem profundas consequências na percepção do presente mas também na do passado”. O tempo atarefado do atualismo combina dois significados usuais da palavra atualização que, em alguns momentos, podem parecer contraditórios: atividade desordenada e/ou regular. O movimento aparentemente regular, mas imprevisível das ondas do mar é talvez uma imagem melhor do que a metáfora da história como um rio para caracterizar essa experiência do tempo histórico na modernidade. O movimento em ondas transporta energia sem deslocar matéria, tudo parece muito agitado, mas o quadro geral do movimento permanece o mesmo. Evoca-se muito o passado, e mesmo o futuro, mas o presente permanece pobremente transformado.

Nas próximas seções, demonstraremos como essa teoria do atualismo nos ajuda a compreender aspectos críticos dos engajamentos com a história propostos por grupos bolsonaristas no Brasil.

## A ASCENSÃO DO NEOPOPULISMO BOLSONARISTA

Em 2018, Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil após uma campanha altamente controversa. Em um dos episódios mais dramáticos, o então candidato foi esfaqueado durante um comício de campanha. Nesta análise temos que ter em mente que “Jair Bolsonaro é, sem dúvida, o presidente de direita mais radical do mundo que foi eleito democraticamente [2018] nas últimas décadas” (Rocha, Solano e Medeiros 2021, 13. Cf., também, Aarão Reis 2020; Oliveira 2018; Oliveira e Pinha 2020). Entendido como líder de um movimento plural de defesa de uma agenda política, Bolsonaro conseguiu ativar sua base respondendo à demanda existencial de presença e sentido no tempo. Navegando em um ambiente comunicacional atualista, o bolsonarismo é uma espécie de realidade compartilhada e simulada que torna obsoletos aspectos fundamentais da modernidade historicista. Questões como quem somos e para onde vamos são respondidas por meio de uma gramática que, embora simule certas estruturas do historicismo moderno, difere dele em alguns aspectos importantes.

O estilo da política populista do bolsonarismo é acoplado a elementos do discurso neoliberal e sua rejeição ao Estado. Moffitt (2017) argumenta que o populismo como um estilo de performance política pode ser analisado por meio de interações entre “líderes” como *performers*, “o povo” como público da performance e “a mídia” como o palco em que essa performance é representada<sup>3</sup>. A rejeição da tecnocracia (Moffitt 2019, 54-5) pelo bolsonarismo está mais preocupada com os agentes públicos e estatais do que com as grandes corporações. Esse traço se reflete na historicidade do bolsonarismo por meio de uma ambivalência que oscila entre uma dimensão nostálgica e outra que libera a agitação destrutiva da cultura corporativa contemporânea, que sonha em substituir os técnicos tradicionais por algoritmos (Isaac 2019).

A fantasia tecnológica incorporada na *Gig Economy*, por exemplo, cumpre o impulso populista pelo fim da mediação. Isso explica como no eleitorado bolsonarista podemos encontrar tantos cristãos conservadores/homens brancos, que se sentem obsoletos e sonham com a restauração dos costumes (Burity 2021) quanto motoristas de empresas como a Uber, que se consideram empreendedores atualizados. Para eles, a tecnocracia

---

<sup>3</sup> O autor define o estilo político da seguinte forma: “os repertórios de performances corporificadas, simbolicamente mediadas, feitas para audiências que são usadas para navegar pelos campos de poder que compõem o político, estendendo-se desde o domínio do governo até a vida cotidiana” (Moffitt 2017: 38). Assim, o estilo populista gira em torno de três aspectos: apelar a seus apoiadores, “o povo”, para estar continuamente contra certas “elites”; rejeição das convenções do discurso político ou mesmo polido; e encoraja uma narrativa de crise, colapso ou ameaça. Então, se definirmos populismo nos termos de Moffitt, podemos afirmar que Bolsonaro é um populista de extrema-direita atualizado com certos traços fascistas. Cf., também, Rosanvallon 2020. No entanto, no sentido “clássico”, seria preciso destacar as duas objeções bem apontadas por Perry Anderson (2019): “Bolsonaro é melhor categorizado como populista? Sem dúvida, sua postura de valente inimigo do *establishment* e seu estilo de homem tosco do povo fazem parte do repertório do que geralmente é visto como populismo. [...] Mas na galeria dos populistas de direita hoje, Bolsonaro não se encaixa no projeto padrão em pelo menos dois aspectos. A imigração não é um problema no Brasil [...] Uma segunda diferença significativa está no caráter do nacionalismo de Bolsonaro. Sua batida patriótica no peito é mais fictícia”. Veja também Klen 2020; Gomes 2020; Tamaki; Fuks 2020. Sobre a história do conceito de populismo na América Latina, ver, entre outros, Mackinnon&Petrone 1998; Gomes 2021.

e a autoridade opressora dos especialistas/cientistas seriam destruídas pela tecnologia da informação. Longe de serem apenas restauradores, esses bolsonaristas aguardam um futuro disruptivo com ansiedade e otimismo. Analisando diversas entrevistas com motoristas da UBER em 2018 na cidade do Recife, Junge e Tavares (2020) revelam que o universo da nova direita já atravessava suas narrativas, formando o que os autores chamaram de uma “subjetividade móvel”, que “[...] se estrutura, de um lado, a partir de um movimento urbano que não é organizado por um vínculo com algum grupo social e, de outro, a partir da capacidade que as relações de trabalho específicas dos Ubers, [...] têm de inviabilizar formas de construção de solidariedades sociais”. (p. 105-106)<sup>4</sup>

Em ensaio publicado em 2019 intitulado “Amanhã vai ser maior”, Rosana Pinheiro-Machado já identificava que “o bolsonarismo é, antes de tudo, um discurso raso que se propaga no vácuo para responder a profundos e diversos ressentimentos” (p. 253). Diferenciando os eleitores pobres de Bolsonaro em 2018, a autora os divide em dois tipos, o primeiro, que se deixou levar por um vago discurso antissistema, e o segundo, o fanatizado por um mecanismo de comunicação “capilar e horizontal”. O que a autora apontava já em 2019 não deixou de ser realidade, apesar de seus fluxos e refluxos, o grupo B não só cresceu, como se radicalizou, ele é “[...] quem nos aterroriza. Ele é o personagem de uma realidade distópica, aquele que espera mais autoritarismo, como fechar o Congresso e o Supremo Tribunal Federal. Essa é a base que está cada vez mais autorizada a pensar, dizer e fazer o que outrora era impensável. E o pior: sabem que nada vai acontecer a eles” (*Idem*, p. 253).

Como muito bem sintetizou Luisa Rauter Pereira (2021) ao analisar alguns protestos políticos contemporâneos, em especial, o Occupy Wall Street (EUA) e Junho de 2013 (Brasil): “A dimensão do passado produzida no contexto desses protestos não se resume, portanto, à luta por reparação histórica de injustiças e violências sofridas ou mera apreciação estética, como as hipóteses presentistas sugerem. No Brasil, as referências à ditadura militar e nos Estados Unidos, ao passado indígena, por exemplo, são eminentemente projetivas, isto é, são passados inspiradores da ação e não passados a serem reparados ou aos quais se deve justiça no presente. Da mesma forma, acredito que “precaução”, “medo” e “dívida” são expressões que não esgotam a dimensão do futuro que o fenômeno engendra. Embora tais dimensões existam como vimos, por exemplo, em alguns cartazes do Occupy Wall Street, o “futuro aqui e agora”, isto é, o futuro que se faz na atualidade da luta ou até mesmo, durante o próprio protesto é o que está em jogo. Tais elementos da temporalidade de fenômenos políticos centrais são, em grande medida, invisibilizados caso hipóteses universalizantes sejam aceitas como descrições totais do contemporâneo. Há um certo saudosismo em relação ao “futuro aberto” das filosofias da história que subjaz às descrições presentistas, do qual é necessário escapar para que a complexidade do contemporâneo se revele nas análises ligadas à teoria da História” (21-22).

Após a vitória de Trump em 2016, intensificou-se o esforço da comunidade global de especialistas na busca de possíveis alternativas teóricas e políticas que contribuíssem para a compreensão da (re)emergência da direita e da extrema-direita mundial (Cf. Cheyfitz 2017; Valencia-García 2020; Araujo e

---

<sup>4</sup> No capítulo “Vozes sobre Bolsonaro” (Klen 2020) também analisamos os vínculos entre motoristas de aplicativo e a emergência da extrema direita.

Pereira 2022; Ávila 2021). Do ponto de vista da teoria do atualismo, o movimento de direita se expandiu surfando melhor na agitação e dispersão do fluxo de atualizações, o que facilita a disseminação de *fake news* e desinformação, incluindo (mas não exclusivamente) as referências à história. Todos os humores que Heidegger descreve como altamente ligados à atualização em termos mágicos, a saber, tagarelice, ambiguidade e curiosidade, são frequentemente associados a efeitos colaterais da cultura digital contemporânea.

Qualquer tentativa de buscar uma versão coerente e organizada da história que faça sentido para a base bolsonarista parece estar fadada ao fracasso. Assim como a base eleitoral/popular de Bolsonaro é heterogênea, dispersa e fragmentada, da mesma maneira se dá sua relação com os conteúdos históricos. Embora existam alguns subgrupos bolsonaristas para os quais determinados temas históricos são relevantes, como o Brasil Imperial (1822-1889) para monarquistas e católicos conservadores, e a Ditadura Militar (1964-1985) para os militares e seus satélites, para o segmento evangélico essas histórias são menos relevantes, assim como para parte do empresariado que apoia Bolsonaro em nome de uma agenda neoliberal na economia (Rocha 2021).<sup>5</sup>

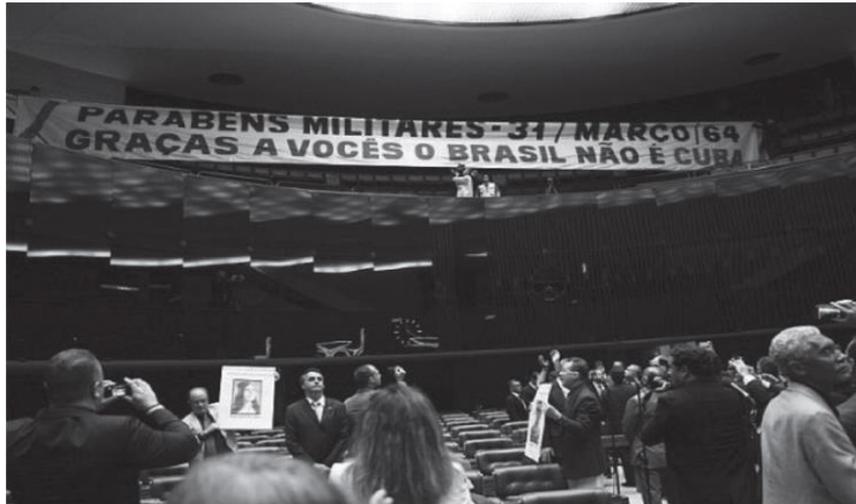
O segredo do código de Bolsonaro tem sido sua capacidade de formar “minorias ativas” a partir da união de grupos heterogêneos, identidades majoritárias que se representam como ameaçadas (Cf. Appadurai 2009). Nosso argumento é que a agitação e dispersão maximizadas pela historicidade atualista é a chave para entender a ativação populista, mas segmentada, das bases eleitorais bolsonaristas. A imersibilidade dos novos sistemas de comunicação tem, no caso brasileiro, seu maior exemplo na conjunção de telefones celulares e grupos de WhatsApp e Telegram. Independentemente da escolaridade do usuário, as mensagens de voz e os memes do aplicativo sintonizam as bases bolsonaristas produzindo os efeitos de autenticidade e verdade que alimentam o desejo populista de imediatividade.<sup>6</sup> A cada atualização, que costuma ser em tempo real, as formas de sentir e pensar são orquestradas.

---

<sup>5</sup> Sobre as especificidades do neoliberalismo na América Latina, inclusive durante os governos de esquerda, ver Gago (2017). Para Perry Anderson (2019) a vitória de Bolsonaro significa a interrupção de um certo freio ao neoliberalismo: “por uma dúzia de anos, o Brasil foi o único grande país no mundo a desafiar a época, para recusar o aprofundamento do regime neoliberal do capital e relaxar alguns de seus rigores em favor dos menos abastados”.

<sup>6</sup> O WhatsApp pertence ao Facebook e é o principal meio de comunicação digital para os brasileiros. Mas dada a reação da empresa do Facebook contra Trump, bem como algumas das medidas autorregulatórias da empresa, a família Bolsonaro incentivou seus fiéis seguidores a migrar para o Telegram. Em outubro de 2021, o canal do presidente Bolsonaro tinha mais de 1 milhão de seguidores no Telegram, enquanto o canal do ex-presidente Lula tinha mais ou menos 35 mil. <https://bit.ly/3n6MXNX>. Acesso: 19/10/2021. Sobre a relação entre bolsonarismo e grupos de WhatsApp ver, CHAGAS, 2021. Importante pesquisa qualitativa sobre bolsonarismo no Brasil, de junho de 2021, afirma entre outras coisas: “Vários [bolsistas] dizem que depois de ver notícias na mídia, vão atrás da realidade dos fatos. Lá eles tiram a realidade dos fatos do que narram as páginas do presidente e seus seguidores. (...) Sintomas da ruptura da esfera comunicacional e da eficácia da comunicação bolsonarista são a guerra de versões, a perda de legitimidade das fontes tradicionais, a instabilidade do status de verdade e negação. (...) A recorrência de argumentos expressivos por partidários ferrenhos indica o uso de fontes de informação que divulgam versões bolsonaristas dos fatos – algo que é corroborado pelas respostas sobre o acesso à informação: canais oficiais do presidente, canais de seus filhos e aliados. Outra forte evidência do funcionamento dessas fontes são as respostas

## PERFORMAR HISTÓRIA: O PASSADO COMO GUARDA-ROUPAS



*Figura 2: Congresso homenageando o período militar*  
 Fonte: Google Imagens

A faixa acima foi estendida na Câmara dos Deputados Federais em 2014 durante a sessão solene de comemoração dos 50 anos do golpe civil-militar de 1964 que inaugurou uma ditadura que durou até 1985. O excêntrico deputado e ex-militar responsável por fazer o banner se tornaria o próximo presidente eleito do Brasil: Jair Messias Bolsonaro. Apesar do negacionismo histórico sobre diversos assuntos, Bolsonaro tem especial predileção pela negação dos crimes da Ditadura Militar. Como protagonista de uma comunidade de memória centrada nessa negação, Bolsonaro ganhou ampla visibilidade nacional em 2016, quando reverenciou a memória de Carlos Alberto Brilhante Ustra, que foi, em 2008, o primeiro militar condenado por sequestro e tortura na Ditadura militar.

É nesse contexto que o primeiro secretário de cultura de Bolsonaro se tornou um dos protagonistas dessa guerra cultural ao performar episódios traumáticos da história contemporânea. Roberto Alvim provocou fortes reações negativas no público ao produzir e divulgar em suas redes sociais um vídeo repleto de referências estéticas e ideológicas ao nazismo<sup>7</sup>. O vídeo continha passagens inspiradas nos discursos de Joseph Goebbels, bem como trechos da ópera *Lobengrin*, de Richard Wagner, e outras referências reacionárias, como uma cruz patriarcal em sua mesa de trabalho. O trecho mais destacado pela imprensa dizia:

A arte brasileira na próxima década será heróica e será nacional. Será dotada de uma grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, pois estará profundamente ligada às aspirações urgentes do nosso povo, ou então não será nada.<sup>8</sup>

às vezes excessivamente padronizadas dadas por torcedores de todos os cantos do país” (Paula et al. 2021, 39-42.) Cf., também, Feres e Gagliardi 2021; Zúñiga 2020.

<sup>7</sup> glo.bo/2YvXzxn.

<sup>8</sup> Transcrito de bit.ly/3mr7bl3

Roberto Alvim veio de uma carreira de diretor teatral, tardiamente convertido ao catolicismo e à retórica da direita alternativa, proposta pelo ideólogo radical Olavo de Carvalho<sup>9</sup>. Ao se defender das acusações, negou que as referências nazistas fossem intencionais, atribuindo as semelhanças a mera coincidência e, posteriormente, a alguma intervenção satânica<sup>10</sup>. Alguns críticos chegaram a sugerir que a atuação de Alvim no vídeo poderia ser algum tipo de ironia, considerando a falta de consistência do episódio. Tratar o episódio simplesmente como um caso de “usos da história” que deve ser desmantelado por uma longa hermenêutica não parece chegar ao cerne do que está em jogo na historicidade do novo populismo brasileiro.

Alvim foi demitido logo após esse episódio infame e substituído por Regina Duarte, atriz de novelas famosa nacionalmente. Seu curto período na secretaria também foi marcado por performances polêmicas e poucas ações concretas. Sua demissão foi motivada por uma entrevista à CNN Brasil<sup>11</sup>, em maio de 2020. Nessa entrevista ela tentou justificar seu apoio ao governo Bolsonaro, apesar das acusações sobre suas ligações com a ditadura militar e seus valores:

Eu não quero olhar para trás, se eu continuar olhando no retrovisor eu vou bater, eu posso cair de um penhasco na minha frente. Você tem que olhar para frente, você tem que ser construtivo, você tem que amar o país. O que eu tenho hoje? Eu tenho isso, é com isso que vou lidar. Continue perguntando coisas que aconteceram nos anos 60, 70, 80... pessoal, vamos em frente! [*cantando*] Pra frente Brasil, salve a seleção, de repente é aquela corrente pra frente.<sup>12</sup>

Embora a secretária elogie o abandono de passados traumáticos em nome de um presente leve, ao final ela é capturada por um passado que, pelo menos para ela, estava muito presente. Ao entoar um dos hinos da seleção brasileira de futebol, amplamente cantado na Copa do Mundo de 1970, e que foi explorado pela propaganda autoritária, ela performou o tempo de parte de sua geração que se formou na ditadura. Aqui, mais do que os episódios do passado diretamente mencionados, interessa-nos essa continuidade no modo de sentir o tempo histórico incorporado no refrão geracional: “Pra frente Brasil, Brasil, salve a seleção”<sup>13</sup>. Esse Brasil que avança é a atualização de um presente esvaziado de qualquer passado incômodo, mas repleto de sensações, energia, como acreditamos ser impulsionado pela historicidade atualista.

<sup>9</sup> Sobre Carvalho, Cf. [bit.ly/3AdT9Ik](https://bit.ly/3AdT9Ik)

<sup>10</sup> [bit.ly/2YooURC](https://bit.ly/2YooURC)

<sup>11</sup> [bit.ly/3uKTn8P](https://bit.ly/3uKTn8P)

<sup>12</sup> [glo.bo/2YvXzxn](https://glo.bo/2YvXzxn)

<sup>13</sup>Canção chauvinista utilizada pela Ditadura Militar (1964-1985) e seus torcedores durante e após a vitória da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970. Cf. <https://bit.ly/3GKd6tQ>

A entrevista continua com o repórter interrompendo a atriz:

**Repórter:** Secretária...

**Regina Duarte:** [*rindo*] Não foi bom quando cantamos isso?

**Repórter:** Foi um período muito difícil né... tem muita história, muita gente morreu durante a Ditadura, eis a questão. Enfim...

**Regina Duarte:** Cara, desculpa, vou falar uma coisa assim... O ser humano não para de morrer. Se você fala sobre a vida, há morte do outro lado. Por que as pessoas [reclamam] oh, oh, oh...? Por quê?

**Repórter:** Porque houve tortura, secretária, houve censura à cultura.

**Regina Duarte:** Bem, mas se houve tortura, sempre houve... meu deus, Stalin, quantas mortes? Hitler, quantas mortes? Se vamos continuar trazendo os mortos, arrastando esses cemitérios... Desculpe, não, eu não quero arrastar um cemitério de mortos nas minhas costas. [...] estou leve, sabe, estou viva, estamos vivos, vamos continuar vivos. Por que olhar para trás? [...] eu acho que tem morbidade nesse momento... A Covid está trazendo uma morbidade insuportável. Isso é perigoso, sabe, para a mente das pessoas. Gente... isso não é legal.

Essa passagem precisa ser interpretada a partir de um contexto mais amplo da agenda bolsonarista no enfrentamento à pandemia da Covid-19. Bolsonaro sempre tentou minimizar os riscos à saúde em nome da proteção da economia. Em vários momentos, ficamos em dúvida se Regina Duarte está falando dos mortos do presente, da pandemia, ou dos mortos do passado, da Ditadura. Ela não nega a existência da tortura, da censura ou dos mortos, apenas nos convida a esquecer e continuar atualizando a história brasileira para o futuro. Esse presente que usa o passado e o futuro independentemente de sua resistência ontológica ou histórica é exatamente o que chamamos de presente atualista. Diferente do presentismo que foca no fechamento do futuro, acreditamos que a historicidade atualista engaja o passado e o futuro na perspectiva de um presente autocentrado, homogêneo e confiante. Um dos efeitos colaterais desse tipo de engajamento é o risco de sermos constantemente tomados pela história que se quer ou esquecer ou domesticar.

Duarte renunciou logo após esta entrevista, concedida à CNN Brasil. O terceiro e definitivo secretário da cultura foi Mário Frias, que também é ator, embora bem menos famoso que Duarte. Em setembro de 2020, no contexto das comemorações do Dia da Independência do Brasil, foi responsável por uma série de vídeos curtos em homenagem aos heróis brasileiros. No canal do YouTube da Secretaria de Comunicação do Governo Federal, encontramos apenas dois episódios da série, que, quando lançados, sugeriam que seria algo mais ambicioso. No primeiro vídeo, o secretário/ator Mário Frias percorre as salas do Museu Histórico Nacional, em Brasília. Na paisagem predominam pinturas e objetos de valor documental, majoritariamente do século XIX. O próprio secretário inicia a narrativa:

Você já parou para pensar como seria se pudéssemos olhar para a nossa história como estou olhando para os objetos aqui nesta sala? Se pudéssemos ver tudo o que vivemos em nossas vidas de uma forma simples, acessível à nossa visão? O que veríamos?<sup>14</sup>

<sup>14</sup> <https://bit.ly/3Bi4c4w>.

A narrativa passa a celebrar um homem comum, supostamente brasileiro, cheio de virtudes patrióticas, trazendo imagens e frases do hino nacional de uma forma nem sempre muito bem-sucedida, mas sempre trivial. Sua primeira afirmação aborda diretamente o impulso populista de imediatismo, como se uma conexão narratológica historicista pudesse ser substituída por um passado experimentado como uma sequência de imagens vívidas. Frases como: “temos bons exemplos em todos os lugares” abundam no vídeo. Todo o discurso leva à imagem do herói como um papel imemorial. Essa primeira parte termina com a frase, ao mesmo tempo vazia e ambiciosa, “nossa história precisa ser contada”. A narrativa está ancorada no fato de que em 5 de setembro de 2020 completaria cinco anos de um episódio em que um morador de rua confrontou um sequestrador que mantinha uma mulher refém. A mulher consegue escapar, mas o sem-teto é assassinado pelo sequestrador em um desfecho trágico, capturado em vídeo e exibido em rede nacional e internet. É este evento da crônica de violência do cotidiano urbano, representado obsessivamente pela mídia, que é tornado chave para acessar a história em seus aspectos atualistas.

O segundo episódio da série compara o gesto do sem-teto com a crucificação de Cristo entre dois bandidos<sup>15</sup>. O sem-teto, que também poderia ter cometido crimes, teria se redimido com seu gesto heróico. Exibindo na tela vários nomes de heróis brasileiros supostamente anônimos do passado recente, o narrador afirma que suas histórias deveriam ser contadas. O Brasil é uma nação que também precisaria de redenção, de redescobrir sua identidade por meio de uma ideia de “povo” com uma clara continuidade histórica sem nenhuma fratura ou contradição, mas que se comprova mais por sua presença evocada do que por uma grande narrativa: “Esses heróis anônimos de hoje, até então ignorados, nos levam a olhar para os grandes heróis do nosso passado. No dia 7 de setembro, dia em que se comemora oficialmente a Independência do Brasil, decidimos celebrar os bravos de hoje e os grandes brasileiros de ontem juntos”. Este encontro está longe de ser uma espécie de fusão de horizontes gadameriana, mas uma atualização violenta de fragmentos históricos em prol de um presente particular. Como dissemos antes, o fazer presente ou atualizar é a resposta à experiência da história como uma sucessão vazia de agoras.

---

<sup>15</sup> <https://bit.ly/3izrcVE>.



Figura 3: Frame da série *Heróis Brasileiros*  
 Fonte: Canal oficial do Governo Federal no Youtube

A imagem acima, retirada do vídeo, apresenta os heróis da história brasileira: dois imperadores, uma princesa e uma imperatriz, dois estudiosos, um considerado patriarca da Independência e outro que se destacou pela luta pela abolição da escravidão no final do século XIX. Menos que uma operação historicamente coerente, a trama parece transitar por uma fantasiosa imaginação popular. Um convite ao homem comum do presente para se juntar a este tipo de museu de cera que se dá para ser visto no lugar da história. Assim, a fantasia de ver o passado imediatamente é realizada sem nenhum compromisso mais estruturado com uma visão articulada e sincronizada dos acontecimentos. A união entre o presente e o passado acontece como um feitiço, e qualquer imagem podem aparecer nessa máquina do tempo populista-atualista.

Em um país como o Brasil, que nunca conseguiu democratizar as experiências da história moderna entre sua população (Pimenta *et al*, 2014) e somente na década de 1980 conseguiu universalizar o acesso à educação básica, essa dimensão fantasiosa tem amplo espaço para se enraizar. Os novos sistemas digitais refinaram a comunicação entre os atores políticos e suas bases fragmentadas. É como reflexo dessas bases, num esforço que transforma fragmentação em segmentação, que o imaginário político se organiza.<sup>16</sup> O populismo bolsonarista realiza a historicidade atualista porque suas bases se organizam dessa forma. Ao invés do Estado nacional sincronizar e afinar a sociedade, como vem ocorrendo desde o século XIX, é a sociedade segmentada que, por meio do barulho e da agitação, fragmenta o Estado e a política.

<sup>16</sup> Em sua ontologia do digital, David Berry nos ajuda a pensar como esse sujeito fragmentado pode ser segmentado: “As experiências de vida, então, tornam-se cadeias processuais que são registradas e registradas por meio de fluxos de informações armazenadas em bancos de dados, através de uma subjetividade mínima, descentralizada e fragmentária que se unifica através do suporte cognitivo fornecido por dispositivos computacionais que reconciliam um ser humano ‘completo’” (Berry 2011, 128).

Este recurso mais superficial a temas e personagens históricos não parece ser o resultado de uma ação ideologicamente coerente. A vitrine ideológica é consequência da necessidade de atender a parte da base para a qual esses valores fazem sentido, mas que não representam a integralidade das forças que o bolsonarismo conseguiu reunir. A evocação de temas soa contingente, mas a estratégia de comunicação está muito bem estruturada para responder à forma contemporânea de fazer circular a informação.

Em 29 de agosto de 2021, o ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles publicou um tweet comparando Bolsonaro com o general que proclamou a república brasileira em 1889 por meio de um golpe de Estado. O tweet foi postado como parte da estratégia de mobilização para os protestos convocados para o 7 de setembro. Mais do que uma analogia histórica anacrônica, já que o personagem histórico evocado não está diretamente relacionado ao contexto da Independência do Brasil (1822), o que parece importar, para além da ameaça implícita de golpe, é vestir Bolsonaro com a pele de um herói histórico. A utilização da pintura histórica facilita a identificação do gesto nos mesmos termos sugeridos pelo secretário de cultura um ano antes: o passado é como um grande guarda-roupa cheio de imagens *prêt-à-porter*. Esse pronto-a-vestir atualista da história é parte essencial do estilo político bolsonarista (Moffitt 2019, 51) e ajuda a explicar o tipo particular de negacionismo histórico ancorado na disseminação de *fake news*. Assim como na moda, também neste “*ready to go*” pode estar em jogo uma pulsão para a democratização, desde que o consumidor esteja disposto a se deixar vestir por passados genéricos e descartáveis. A vantagem dessa postura está na velocidade com que essas referências históricas podem ser modeladas para atender às demandas do dia.



Figura 4: Twitter do então ministro Ricardo Salles  
 Fonte: Twitter

A agitação acaba por obscurecer o sentido do que os populistas atuais estão realmente fazendo. Performar a história é um dos elementos para produzir agitação e distração. Assim, devemos estar atentos não só, ou sobretudo, aos usos da história, entendidos como o uso articulado e consciente de personagens e acontecimentos históricos, mas à análise de que tipo de historicidade estrutura o fenômeno populista. Neste caso particular, afirmamos que a experiência atualista do tempo facilita suas atuações ao confundir passado e futuro com um presente único.

Gostariamos de não reduzir a “história” ao passado, nem a nossa relação com ela a um caminho de mão única, porque não usamos a história sem sermos usados em grande medida. Conhecer as historicidades significa perguntar como os novos populistas usam e são usados pelas histórias que fazemos e sofremos (Araujo 2013 e 2017; Abreu, Bianchi, Pereira 2018; Pereira, 2022). Propositalmente, acreditamos que sair da “gaiola” atualista envolve essa compreensão mais ampla do tempo histórico. Assim, neste trabalho preferimos analisar as temporalizações da historicidade (passado-presente-futuro). Imaginar que o passado possa ser algo objetivado e usável é um dos fundamentos da temporalidade populista (não exclusivamente), acreditamos que nossa tarefa é justamente reintegrar a complexidade temporal nesses fenômenos enfatizando suas formas de temporalização, ou seja, como passado-presente-futuro trabalham em conjunto.

Acreditamos que o ambiente atualista enfraquece as narrativas históricas modernas e permite que usos inconsistentes de episódios conhecidos da história sejam distorcidos e representados como verdadeiros. Tanto o populismo quanto o atualismo tendem a corroer o especialista e o discurso autorizado. Eles constroem e alimentam universos simulados que substituem formas modernas de mediação, objetividade e solidariedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais incoerente que pareça, o universo paralelo do bolsonarismo consegue dar sentido a essa agitação em um ambiente em que outros sistemas parecem existir apenas para traduzi-la. Mais uma vez, a palavra simulação é a chave aqui. Em última análise, essa noção de simulação nos ajuda a compreender como a história produzida pela nova direita, mesmo quando não utiliza o negacionismo, apenas simula os procedimentos da historiografia acadêmica.<sup>17</sup> Sem essa simulação, ela perderia sua eficácia, o que não significa que possamos confundir essa historiografia paralela com o que é feito pela disciplina histórica, tal como se constituiu, como uma das estruturas dos Estados nacionais modernos. Contra aqueles que, vestidos de novos cruzados,

---

<sup>17</sup> Cf., também, entre outros Avelar e Bentivoglio 2019; Avila 2021; Avritzer 2020; Bauer 2017; Lucchesi, Silveira e Nicodemo 2020. Nesta direção, Rodrigo Perez Oliveira (2020) tem o mérito de nos convidar a tentar suspender julgamentos políticos imediatos e apostar na compreensão analítica do discurso bolsonarista e seus formuladores, em particular o negacionista Olavo de Carvalho. O autor mapeia nos textos e vídeos de Olavo de Carvalho o surgimento do tema do “marxismo cultural” e sua alegada influência sobre a ciência contemporânea, deturpada por um fantasioso viés ideológico. Assim, longe de simplesmente negar a ciência, o olavismo se coloca como o defensor da verdadeira ciência, mesmo que contraditoriamente afirme a necessidade de uma espécie de contra-ideologia que dispute o terreno com as mesmas ferramentas do “marxismo cultural”.

celebram a sacralidade da civilização ocidental e fazem de Jair Bolsonaro (e outros líderes populistas como Trump e Orban) seus novos campeões, pouco temos a dizer.

Nossa pesquisa mostra que o populismo autoritário de Bolsonaro é fortemente baseado na negação, revisão e falsificação da história. Essa estratégia transformou todos os adversários políticos em inimigos “de esquerda” e comunistas, atualizando um vocabulário usado durante a Ditadura Militar (1964-1985) e empregado em vários países durante a Guerra Fria. As inconsistências factuais nessas alegações, acopladas pelo discurso anticorrupção e de transparência atualista (Pinha e Pereira 2022), são obliteradas pela velocidade dos fluxos de informação e pelo efeito de autenticidade inerente à sensação de imediatividade produzida pela mídia digital. Deste modo, para as bases bolsonaristas o nazismo pode ser um movimento de esquerda, assim como qualquer pessoa pública que se oponha ao seu líder pode ser retratada como comunista.

O que estamos chamando de atualismo está enraizado na dimensão ontológica da *atualização*, particularmente em seus aspectos impróprios, como resumimos acima. Como ontológica, a possibilidade de atualização está sempre presente, mas acreditamos que ganha impulso e especial relevância nas historicidades contemporâneas. O conceito de *atualismo* tenta chamar nossa atenção para essa mudança recente de sensibilidades e de vocabulários para abordar e experimentar o tempo histórico, em especial, nos ajuda a interpretar, pela via da teoria da história, certo uso da história em que o passado se torna em uma forma de variedade, de distração, constantemente vestida e travestida pelo neopopulismo brasileiro. Esperamos ter deixado claro, desse modo, que a ausência de uma narrativa histórica coerente do ponto de vista moderno não significa ausência de sentidos ou de lógica no bolsonarismo. Afinal, esperamos ter demonstrado que a lógica histórica do bolsonarismo é atualista.

Portanto, podemos concluir que as afinidades que vemos entre o neopopulismo brasileiro — ou o bolsonarismo — e a historicidade atualista são as seguintes: (i) ambos florescem em um ambiente comunicacional caracterizado pela realidade compartilhada e simulada que desafia as autoridades e instituições modernas, (ii) ambos tendem a dissolver a sincronização histórica dando lugar à dispersão e agitação e (iii) ambos têm um engajamento mais pragmático com o conteúdo histórico. Assim, o caráter antissistêmico do bolsonarismo se alimenta da ideia de relação automática e imediata com a realidade que emerge do imaginário do atualismo em sua profunda ligação com a cultura digital.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio. *O tempo dos governos incidentais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- ANDERSON, Perry. Bolsonaro's Brazil. *London Review of Books*, 2019. Disponível em <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v41/n03/perry-anderson/bolsonaro-s-brazil>. Acesso em 15 mar 2022.
- ARAUJO, Valdeci L. *et al. Bolsotrump: realidades paralelas (2020-2022)*. Editora FGV, 2022.
- ARAUJO, V. L.; PEREIRA, M. H. de F. Updatism: Gumbrecht's broad present, Hartog's Presentism and beyond. *Diacronie: Studi di Storia Contemporanea*, 43: 1-21, 2020.

- ARAÚJO, V. L.; PEREIRA, M. H. F. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. Vitória: Milfontes, 2019.
- BARLETT, Lesley; VAVRUS, Frances. 'Comparative Case Studies'. *Educação & Realidade*, 42(3): 899-920, 2017.
- BERRY, David M. *The Philosophy of Software*. New York: Palgrave MacMillan, 2011.
- BERRY, David M. *Critical Theory and the Digital*. London: Bloomsbury, 2014.
- BRIGGLE, Adam. Dear Facebook?, in D.E. Wittkower (ed.), *Facebook and Philosophy*, pp. 161-172. Chicago: Open Court, 2010.
- BURITTY, Joanildo. The Brazilian Conservative Wave, the Bolsonaro Administration and Religious Actors. *Brazilian Political Science Review*, 15(3), 2021.
- CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Estudos Históricos*, 34: 169-196, 2021.
- CHEYFITZ, Eric. *The Disinformation Age*. New York: Routledge, 2017.
- CLAVERT, Frédéric. Face au passé : la Grande Guerre sur Twitter. *Le Temps des médias*, 31(2): 173-186, 2018.
- FERES, João; GAGLIARDI, Juliana. Populism and the Media in Brazil: The Case of Jair Bolsonaro. In: KOHL, Christoph *et al* (ed.), *The Politics of Authenticity and Populist Discourses*, p. 83-104. New York: Palgrave Macmillan, 2021.
- FINCHELSTEIN, Federico. *From Fascism to Populism in History*. Berkeley: UC PRESS, 2019.
- GAGO, Verónica. *Neoliberalism from Below*. Durham: Duke University Press, 2017.
- GOMES, Angela. M. de Castro. The History and Historiography of Populism in Brazil (1930 - 1964). *Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*. Oxford: Oxford University Press, 2021.
- GOMES, Angela. M. C.; DEVOTO, Fernando. J. *Le gouvernement Bolsonaro : ni fascisme ni populisme, autoritarisme radical*. 2020. Disponível em: <https://www.politika.io/fr/article/gouvernement-bolsonaro-fascisme-populisme-autoritarisme-radical>. Acesso em 15 mar 2022.
- HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. New York: State University of New York Press, 2010.
- ISAAC, Mike. *Super Pumped: The Battle for UBER*. New York: W. W. Norton & Company, 2019.
- JUNGE, Benjamin; TAVARES, Álvaro P. Aguiar . Subjetividades Móveis: sentidos de periferia e percepções da crise entre motoristas de uber em Recife. Dossiê subjetividades periféricas • Novos estud. CEBRAP 39 (1) • Jan-Apr 2020.
- KLEN, Bruna. *et al* (ed.) *Do fake ao fato*. Vitória: MilFontes, 2020.
- LEE, Newton. *Facebook Nation: Total Information Awareness*. New York: Springer, 2014.
- MACKINNON, M. M.; PETRONE, M. *Populismo e neopopulismo en America Latina*. Buenos Aires: Eudeba, 1998.
- MOFFIT, Benjamin. *The Global Rise Of Populism*. Stanford: Stanford University Press, 2017.
- MOFFIT, Benjamin. Populism versus technocracy in: COSSARINI, Paolo *et al.* (eds.), *Populism and Passions*, p. 49-64. London: Routledge, 2019.
- MORGAN, R.; CLULOW, J. The Proles and Cons of Facebook, in: WITTKOWER, D.E. *Facebook and Philosophy*, p. 258-9. Chicago: Open Court, 2010.

- OLIVEIRA, Rodrigo Perez; PINHA, Daniel. (org.). *Tempos de Crise: ensaios de história política*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autogradia, 2020.
- OLIVEIRA, RODRIGO PEREZ. O negacionismo científico olavista: a radicalização de um certo regime epistemológico. In: Valdei Araujo; Mateus Pereira; Bruna Klem. (Org.). *Do Fake ao Fato: (Des) atualizando Bolsonaro*. 01ed. Vitória, ES: Mil Fontes, 2020, v. 01, p. 71-90.
- PAULA, Carolina *et al.* *Bolsonarismo no Brasil*. 2021. Disponível em: <https://iree.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Pesquisa-Bolsonarismo-no-Brasil.pdf>. Acesso em 15 mar 2022.
- PEREIRA, LUISA RAUTER. Fissuras do Presentismo: Mudança Histórica nos Protestos Políticos Contemporâneos. *TEMPO E ARGUMENTO*, v. 13, p. e0301, 2021.
- PEREIRA, Mateus. H. F. *Lembrança do presente: Ensaios sobre a condição histórica na era da internet*. Brasil: Autêntica Editora, 2022..
- PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. Vozes sobre Bolsonaro, in: KLEN, Bruna *et al.* (ed.) *Do fake ao fato*, p. 115-140. Vitória: Milfontes, 2020.
- PEREIRA, Mateus; MARQUES, Mayra; ARAUJO, Valdei. *Almanaque da Covid-19*. Vitória: Milfontes, 2020.
- PIMENTA, João Paulo G. *et al.* A Independência e uma cultura de história no Brasil, *Almanack*, 8: 5–36, 2014.
- RAMALHO, Walderez. Reinterpreting the times of crisis based on the asymmetry between chronos and kairos. *História da Historiografia*, 14(35): 115-144, 2021.
- ROCHA, Camila; SOLANO, Ester ; MEDEIROS, Jonas. *The Bolsonaro Paradox*. Londres: Springer, 2021.
- ROCHA, João César C.. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*. São Paulo: Caminhos Editora e Livraria, 2021.
- TAMAKI, Eduardo Ryo.; FUKS, Mario. Populism in Brazil's 2018 general elections, *Lua Nova*, 109: 103-127, 2020.
- VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean (ed.) *Far-Right Revisionism and the End of History: Alt/ Histories*. New York: Routledge, 2020.
- ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism*. New York: Hachette Book, 2019.
- ZÚÑIGA, Homero Gil. Populism in the era of Twitter. *New Media & Society*, 22(4): 585-594, 2020.

*O passado como distração*

Modos de vestir a História no Neopopulismo Brasileiro  
 Artigo recebido em 15/09/2022 • Aceito em 22/11/2022  
 DOI | [doi.org/10.5216/rth.v25i2.74060](https://doi.org/10.5216/rth.v25i2.74060)  
 Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado